

AS CATEGORIAS DO VERBO *TOMAR* ANALISADAS NA CIDADE DE GOIÁS

TOMAR CATEGORIES ANALYZED IN GOIÁS CITY

Cleiton Ribeiro e Oliveira
Déborah Magalhães de Barros

Resumo: Este artigo objetiva estabelecer categorias distintas para os diferentes usos do verbo *tomar* tendo como base inquéritos realizados na Cidade de Goiás pelo projeto *Fala Goiana*. Ao analisar os diferentes sentidos acionados pela relação desse verbo com seus complementos, foi possível perceber algumas características singulares o suficiente para que categorias distintas fossem formadas, mas com um traço semântico suficientemente forte que mantém todas as categorias formadas ligadas uma a outra. As categorias encontradas foram: *verbo pleno*, quando o verbo estabelece função predicadora total e o sentido do verbo é o de requerer posse – João tomou o dinheiro da Menina; *verbo suporte não prototípico*, quando a função predicadora se faz a partir da junção do verbo com um SN e o sentido do verbo é dependente de um grupo de SNs com características semelhantes – João tomou água/remédio/cerveja [grupo de SN_{ingerível}]; e *verbo suporte*, quando a função predicadora também se faz a partir da junção do verbo com um SN, a perífrase pode ser substituída por um verbo pleno e o sentido muda conforme muda o SN – João tomou banho/banhou-se, João tomou uma decisão/decidiu-se. As bases teóricas que sustentam este artigo são: Bybee (2007), Givón (1989; 2002) e Goldberg (2006), para o processo de categorização; Castilho (2016), Fortunato (2009), Heine (1993), Ilari e Basso (2014) e Neves (2011), para o estudo do verbo em uma perspectiva funcional; Labov (1972), para a metodologia de coleta de dados. O estudo qualitativo investigou 12 inquéritos da Fala Goiana que consideraram faixa etária, sexo.

Palavras-chaves: Verbo *Tomar*. Categorização. Funcionalismo.

Abstract: This article aims to establish distinct categories for the different uses of the verb *tomar*, based on surveys carried out in the City of Goiás by the Fala Goiana project. By analyzing the different meanings that are triggered by the relationship of the verb under study with its complements, it was possible to perceive some characteristics that were unique enough for distinct categories to be formed, but with a sufficiently strong semantic trait that keeps all the formed categories linked to each other. The categories found were: full verb, when the verb establishes a total predicating function and the meaning of the verb is to require possession – João tomou o dinheiro da Menina; non-prototypical support verb, when the predicator function is made from the junction of the verb with an NP and the meaning of the verb is dependent on a group of NPs with similar characteristics – João tomou água/remédio/cerveja [group of Npsingestible]; and support verb, when the predicator function is also made from the junction of the verb with an NP, the periphrasis can be replaced by a full verb and the meaning changes as the NP changes – João tomou banho/banhou-se, João tomou uma decisão/decidiu-se. The theoretical bases that support this article are: Bybee (2007), Givón (1989; 2002) and Goldberg (2006), for the categorization process; Castilho (2016), Fortunato (2009), Heine (1993), Ilari and Basso (2014) and Neves (2011), for the study of the verb in a functional perspective; Labov (1972), for the data collection methodology. This qualitative study investigated 12 inquiries from Fala Goiana that considered age and sex.

Keywords: Verb *Tomar*. Categorization. Functionalism.

INTRODUÇÃO

REVELLI, Vol. 15. 2023.

ISSN 1984-6576.

E-202302

Este trabalho descreve os diferentes usos do verbo *tomar* e analisa a habilidade cognitiva da *categorização* e as propriedades funcionais desse verbo as quais possibilitam-lhe uma atuação multifuncional na língua. Uma pesquisa sobre o verbo *tomar* nessa perspectiva se justifica pela sua originalidade, poucos trabalhos de perspectiva funcional se dedicaram a analisar esse verbo e sua funcionalidade. Ademais, como o estudo analisa a possibilidade de que um mesmo verbo possa, a partir de usos distintos, ser formador de diferentes categorias, este estudo pode fomentar futuras pesquisas para análise e descrição de verbos como um todo.

Para compor o *corpus* desta pesquisa, selecionamos doze entrevistas que seguem os pressupostos de Labov (1972). Dentre outras perguntas, os falantes foram interrogados a respeito de experiências pessoais a fim de que fosse possível coletar amostras de fala mais próximas do uso cotidiano. Para a sistematização dos dados, as entrevistas foram divididas em três grupos: o primeiro grupo etário é constituído por informantes entre 20 e 35 anos; o segundo grupo etário é constituído por informantes entre 36 e 50 anos; e o terceiro grupo etário é composto por informantes com mais de 51 anos. Foram selecionados dois representantes de cada grupo para compor o *corpus* analisado, totalizando 12 inquéritos. É válido ressaltar que essa estratificação ocorreu, apenas, como ponto de equilíbrio para o estudo realizado, sendo que as variáveis sociais não foram contabilizadas durante a análise.

A Cidade de Goiás foi selecionada para formação do *cópus* para dar visibilidade ao projeto Fala Goiana da Universidade Federal de Goiás. O projeto tem a intenção de compor um conjunto significativo de dados de fala, a partir de entrevistas, para caracterizar a variedade do português falada no estado de Goiás. Além disso, o projeto pretende promover generalizações a respeito do estágio vigente do português falado na região central do território brasileiro. O projeto também observa os processos de mudança em curso e os já implementados na variante goiana, considerando tanto o aparato da forma quanto o da função. Por isso, o Fala Goiana analisa a mudança desde a organização morfossintática e lexical até a discursiva.

Este artigo está dividido em duas partes. Em um primeiro momento, o artigo descreve o processo de formação de categorias e a possibilidade de formar três categorias distintas para os usos do verbo *tomar*. Em um segundo momento, o artigo apresenta as diferentes categorias

formadas e analisa os diferentes usos que as fortalecem. Por fim, o artigo faz algumas considerações que podem gerar novos estudos.

1. O PROCESSO DE CATEGORIZAÇÃO

A categorização é uma habilidade cognitiva básica do ser humano e está presente em todas as experiências vividas. É a habilidade de formar categorias, a responsável pela organização e pelo armazenamento das informações conceptualizadas do mundo em grupos conforme características em comuns.

Barros (2016, p. 39) afirma que esse processo é um reflexo, por exemplo, de como nos relacionamos com nosso meio, uma vez que organizamos o ambiente a nossa volta por meio de categorias:

[em] uma casa, por exemplo, os objetos são guardados conforme suas semelhanças funcionais. Em uma geladeira são guardados alimentos; no guarda-roupa, as roupas; objetos inerentes à higiene pessoal normalmente ficam no banheiro e não na cozinha (BARROS, 2016, p. 39).

Martelotta (2011), também a respeito da categorização, afirma que essa não é uma habilidade associada apenas à memória. Para o autor, o ato de categorizar é dependente da cognição, dos contatos linguísticos do indivíduo, do meio no qual ele está inserido e dos aspectos socioculturais desse meio. Quando algum aspecto de todas essas instâncias é acionado, é possível que um elemento seja incluído em uma categoria sem que compartilhe de todos os traços definidores daquela categoria.

A formação de categorias envolve não apenas a memória, como também aspectos cognitivos, perceptivos e linguísticos. É importante salientar que as categorias são abstratas e é por meio delas que o indivíduo consegue armazenar a quantidade de informações que armazena.

Para Bybee (2007), o processo de criar categorias é tão forte e tão frequente, que permeia diversos outros fenômenos da vida. A gramática, por exemplo, é construída à base da categorização. Esse pensamento a respeito da gramática é reforçado por Bybee (2010) quando a autora postula que a categorização é a semelhança ou correspondência de identidade que ocorre quando palavras, frases e suas partes componentes são reconhecidas e combinadas com

representações armazenadas. As categorias resultantes são a base do sistema linguístico, sejam unidades sonoras, morfemas, palavras, frases ou construções.

Linguisticamente, de acordo com Goldberg (2006), uma categoria é formada a partir da compilação de representações de uma expressão. De acordo com a semelhança entre as expressões, elas são compiladas juntas, formando uma categoria específica, e, conforme o aprendiz recebe um *input*, ele tenta categorizá-lo junto a padrões já existentes.

A autora ainda reconhece que, a partir de duas expressões similares, já é possível abstrair localmente uma estrutura argumental e começar a formulação de algum tipo de generalização baseada nessa categorização. Goldberg (2006) ressalta que a junção entre a Linguística e a Psicologia Cognitiva, que forma a Linguística Cognitiva que mais tarde integraria a LFCU, torna possível considerar a combinação de abstrações e do uso da língua. A Linguística Cognitiva reconhece que, enquanto o aprendiz registra uma grande quantidade de expressões individuais de uma categoria, também discerne relações significativas entre as expressões, o que torna possível a formulação de uma categoria e de uma generalização.

Com essa perspectiva, a autora determina que, devido a uma codificação seletiva, o que realmente é gravado não é uma memória totalmente especificada do contato que o aprendiz teve com a expressão, mas sim uma abstração parcial sobre esse contato. Ela ainda salienta que o conhecimento dos seres humanos se deteriora ao longo do tempo. Por conta disso, as representações tendem a ser mais abstratas que os estímulos reais recebidos, mas concretas o suficiente para serem acionadas durante o processo de reconhecimento do evento e marcantes o suficiente para serem armazenadas na memória.

No sistema linguístico, o indivíduo, por meio de características e funções específicas, consegue criar categorias distintas. Por exemplo, há duas categorias de palavras: as lexicais e as gramaticais. As primeiras são utilizadas para nomear e/ou qualificar eventos e entidades de diferentes ordens e são altamente conceituais; as gramaticais, por sua vez, não possuem conceitos específicos, uma vez que não conseguem, isoladamente, formular uma representação mental.

É interessante observar que os itens não são completamente estabilizados e presos a uma categoria específica. Assim como a língua, que é fluida, dinâmica, e possui gradiência, as categorias também são graduais: às vezes, um item que pertencia à categoria das palavras

lexicais pode passar a pertencer à categoria das palavras gramaticais, ou palavras gramaticais podem passar a ser mais gramaticais ainda.

Para determinar o melhor representante de uma categoria é importante nos atentarmos para a noção de *prototipicidade*, que pode ser mais bem entendida, como salienta Barros (2016), a partir dos diferentes modelos de categorização: o modelo clássico de Platão, o de Wittgenstein e o modelo do agrupamento dos protótipos (GIVÓN, 1989; 2002).

Inicialmente, Givón (1989) estabelece que Platão e Aristóteles concebiam que, para pertencer a uma determinada categoria, um item deveria reunir todas as características estabelecidas por essa categoria. A ambiguidade e a gradação não entram nessas definições; a falta de alguma propriedade impede que o item seja considerado como participante daquela categoria, como pode ser observado no diagrama a seguir:

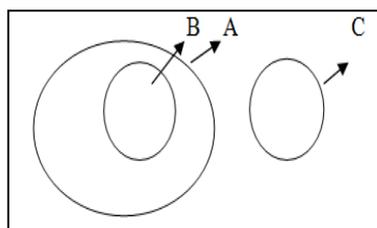


Figura 1 - Diagrama do modelo de categorização de Platão
(Fonte: Givón, 1989, p. 36)

Explicando o diagrama, Givón (1989) postula que A representa as características necessárias para que um item possa ser enquadrado dentro da categoria; B é uma subcategoria na qual os itens possuem as características exigidas por A e, sendo assim, pode ser enquadrado na categoria A; no entanto, C não possui as mesmas características e, portanto, não pode pertencer à categoria A.

Em oposição a esse modelo de Platão, Givón (1989) recorre ao modelo elaborado por Wittgenstein, que considera que as categorias não são nem discretas nem absolutas, mas relativas ou dependentes do contexto. Dessa forma, as categorias são difusas e determinadas por um *continuum*. Associar um item a uma categoria pode ser uma questão de grau. Os itens que pertencem a uma categoria podem se relacionar com os membros de outra categoria por semelhança familiar, sendo assim representados pelo seguinte diagrama:

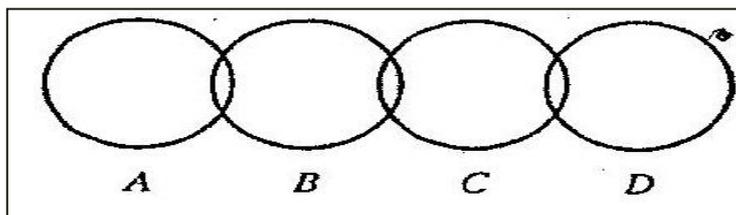


Figura 2 - Diagrama do modelo de categorização de Wittgenstein
(Fonte: Givón, 1989, p. 37)

Como pode ser observado, os itens que pertencem à categoria A podem se relacionar com os itens que pertencem à categoria B, que podem se relacionar com os da categoria C, e, assim, sucessivamente. Entretanto, é importante ressaltar que a associação das categorias A e B e a das B e C podem considerar diferentes características.

Já o modelo de protótipos, apresentado por Givón (2002), considera que alguns fatores das duas abordagens – a de Platão e a de Wittgenstein – sejam importantes para a elaboração de um modelo que melhor represente o processo de eleição de um protótipo e a formação de uma categoria. O autor afirma ser importante considerar quatro propriedades básicas para os padrões de relações prototípicas:

a) os que apresentam **propriedades múltiplas**: itens que não são determinados por apenas um critério, mas que reúnem em si várias características que os tornam facilmente reconhecidos como representantes de uma categoria, mesmo que algumas características sejam centrais, algumas podem ser periféricas e compartilhadas com diferentes categorias;

b) os que são **prototipicamente selecionados**: itens que carregam o maior número de características que o consagram dentro de uma categoria, muito embora haja a possibilidade de que, em uma mesma categoria, outros itens com menos características possam ser enquadrados;

c) os que possuem uma **forte associação das características**: normalmente, os itens de uma mesma categoria natural tendem a compartilhar características semelhantes. Sendo assim, existe uma grande possibilidade de que apresentem diversas outras características daquela mesma categoria;

d) **agrupamento por meio da média categorial**: como consequência lógica referente à terceira propriedade, a formação de uma categoria tende a girar em torno de um item que possua diversas características, o item prototípico; já os itens periféricos, com características ambíguas e/ou isoladas, normalmente aparecem em uma quantidade menor dentro da categoria.

Para Givón (2002), as propriedades *a* e *b* representam o modelo de Wittgenstein para elaboração de categorias naturais que permitem um *continuum* categorial para a seleção de itens prototípicos. Por sua vez, as propriedades *c* e *d* representam o modelo de Platão para a elaboração de categorias naturais. Tais propriedades consideram que um item de uma categoria é facilmente distinguível da maioria dos de outra categoria, como ilustra a seguinte figura:

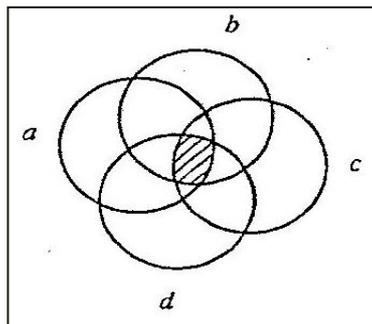


Figura 3 - Diagrama da categorização do agrupamento de protótipo
(Fonte: Givón, 1989, p. 39)

Esse modelo, como se observa no diagrama, permite que um item compartilhe características de múltiplas categorias, reforçando a ideia de que categoria é uma noção fluida e dinâmica. Assim, a barreira que separa uma da outra não é precisa e certa, o que indica que elas não são absolutas e que apresentam características semelhantes que podem ser associadas.

Barros (2016, p. 45) afirma que:

é pela flexibilidade categorial que o item lexical azul, classificado segundo a gramática tradicional como nome, por vezes é também um qualificador, como, por exemplo, em *O azul do céu é lindo*. Esse princípio reitera a flexibilidade e dinamicidade da língua e, por consequência, da gramática.

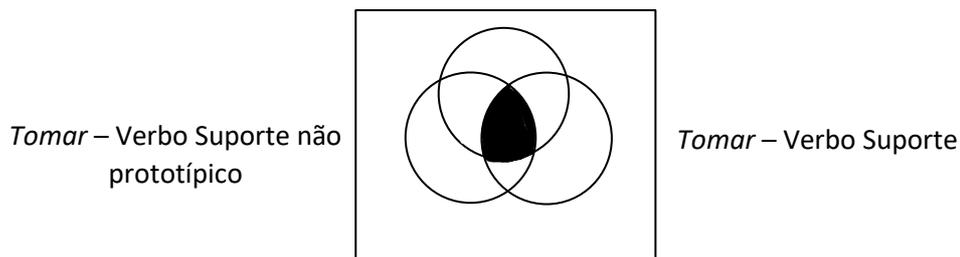
É esse pensamento de dinamicidade que permite entender que um mesmo item possa ser empregado de formas diversas para melhor atender as necessidades do falante, mas que essas mudanças não ocorram aleatoriamente. O verbo *tomar* é materializado linguisticamente de formas diferentes pelo indivíduo, formando, assim, diferentes categorias: **verbo pleno**, **verbo suporte não prototípico** e **verbo suporte**.

Ao analisar as diferentes categorias estabelecidas para o verbo pela perspectiva do modelo de protótipos apresentado por Givón (2002), é possível estabelecer o seguinte diagrama:

Tomar – Verbo Pleno

ISSN 1984-6576.

E-202302



Tomar – Verbo parte de expressão cristalizada

Figura 4 - Categorização do verbo *tomar* adaptado do modelo de protótipos de Givón (2002) (Fonte: Nossa autoria)

Nessa perspectiva, por mais que as funções que o verbo assuma sejam diferentes, existe um ponto de intersecção que liga todos esses usos: a noção de aproximação de um item ao corpo, ou seja, de que a ação ocorre no corpo, é passível de ser recuperada em todos os usos do verbo.

No trecho seguinte, o verbo é empregado como pleno. Nesse sentido, a acepção que assume é a de adquirir posse. Dessa forma, o traço de aproximação corporal é bem marcado, como pode ser observado na ocorrência (01):

- (01) mas prima minha nós já brigô muito assim de brincaderinha mesmo, de ficá de mal... de **tomá um boneco** uma da otra já teve muito esses tipo de briga de escola não... (Fala Goiana, Feminino, 33 anos, grifo nosso)

Já na ocorrência (02), temos o verbo empregado como suporte, compondo uma perífrase verbal. Nesse uso, a perífrase pode ser substituída por um verbo que resuma a ação por ela expressa, como em *tomar banho – banhar-se*; a ação expressa aproxima a água do corpo e o ato de higienizar-se, refrescar-se ocorre no corpo.

- (02) i lá pro fundo da carioca onde é o carioca né? que antigamente num era carioca ia pra lá... ia lá **toma baim** as veis quase morri lá tamém qua/do desse negoço... minha mãe tamém quase mim matô de taca tamém por causa disso (Fala Goiana, Masculino, 36 anos, grifo nosso)

Na ocorrência (03), o item é empregado como suporte não prototípico, aquele que, ao ser associado com diferentes SNs que compartilhem propriedades semânticas semelhantes, assume uma significação específica. Na ocorrência (03), o verbo *tomar* assume o valor de

ingerir, nos dois trechos destacados. Embora apresentem características distintas, os dois SNs (comprimido e guaraná) fazem parte do grupo *ingeríveis* e, em ambos os casos, os dois itens são aproximados ao corpo, indicando ações que ocorrem no corpo.

- (03) Eu só... Era na Ozego lá em riba, o remédio era grati vinha di fora, eu **tomava a mão cheinha de comprimido** i saia correno pra num gumita, porque naum podia gumita o remédio, chegava lá, ali no só gelo alí ô, me dá um guaraná di gelo ai qui eu... Ai ele trazia o guaraná, eu **tomava o guaraná** pra podê caba di estabiliza o remédio no meu estomago, graças a Deus, tô aqui, dano intrevista pro cê, um grandi, grandi estudioso (Fala Goiana, Masculino, 75 anos, grifo nosso)

É importante ressaltar que, mesmo dentro das categorias, existe uma gradação de algumas características que determinam qual item será o prototípico, o melhor representante da categoria. Furtado da Cunha et al (2013) determinam que, a partir de como percebemos o mundo a nossa volta, agrupamos itens que tenham características semelhantes e aquele que possuir o maior número necessário de características daquela categoria seria o seu membro prototípico.

De forma similar, temos uma infinidade de usos para o verbo *tomar* distribuídos dentro das categorias pleno, suporte não prototípico e suporte e parte de uma expressão cristalizada. Nas duas ocorrências abaixo (04) e (05), o verbo é empregado como suporte:

- (04) recramano sua saudade... se vois qué casá com outro... eu não pego suas vontade... eu subi naquele arto e somente pra ti enxergá pra **tomá amor** () as minha corage não dá... vô tocá minha viola... somente pra disfarçá... (Fala Goiana, Masculino, 72 anos, grifo nosso)
- (05) O fazendero lá tinha chuvero, mais a casa do vaquero naum tinha chuvero, noi **tomava baim** no corgo (Fala Goiana, Masculino, 75 anos, grifo nosso)

No entanto, diferentemente de *tomar banho*, que pode ser substituído por *banhar-se* em um quase-mesmo-nível de significação, *tomar amor* não pode ser simplesmente substituído por *amar*, embora a ação seja essa. *Tomar amor* denota o processo de *passar a amar*, acepção que apenas o verbo *amar* não resume. Dessa forma, embora tenha algumas características de verbo suporte, *tomar amor* não pode ser visto como um protótipo dessa categoria. Nas análises realizadas neste trabalho, são considerados tanto os usos prototípicos quanto os marginais na constituição das categorias.

2. AS CATEGORIAS DO VERBO TOMAR

Essa seção aborda mais detalhadamente as três categorias formadas pelos diferentes usos do verbo *tomar*: **pleno**, **suporte não prototípico** e **suporte**.

Os verbos considerados **plenos** são aqueles, segundo Ilari e Basso (2014), que apresentam um sentido lexical completo. Assim, mesmo se os argumentos forem trocados, sua acepção básica não é alterada. A definição de pleno, para Jesus (2014), é a de um verbo cujo sentido seja semelhante aos seus primeiros usos, isto é, antes de adentrar em um processo de gramaticalização, pelo qual adquire propriedades gramaticais.

Castilho (2016) defende que os verbos plenos são o núcleo de uma predicação, eles selecionam os argumentos, estruturam o predicado e atribuem aos argumentos seus papéis temáticos.

Sendo assim, serão aqui considerados como verbos plenos aqueles que apresentam comportamento de uma palavra lexical; estabelecem a função de formar a predicação, já que é a partir do verbo que sabemos de quantos argumentos a predicação necessita e quais papéis temáticos serão atribuídos aos argumentos.

Tendo esse postulado sobre os verbos plenos, é necessário salientar aqui que essas mesmas características são encontradas nos verbos que aqui consideramos como **suporte não prototípico**. Essa categoria além das características do pleno, a partir de um grupo específico de argumentos, passam a assumir uma acepção diferente daquela de origem, no entanto, por não ser possível substituí-los por um verbo pleno, eles não são, prototipicamente, um verbo suporte.

Com base nos pressupostos de Heine (1993), esse processo de passar de uma categoria plena a uma categoria estendida, pode ser considerado como o início de uma gramaticalização, uma vez que é possível verificar os seguintes parâmetros: **dessemantização** ou **desbotamento**; **extensão**; **de categorização**; **redução fonética**.

A **dessemantização** ou **desbotamento** semântico ocorre quando há a perda ou a redução das propriedades semânticas de um item linguístico. O item perde parte de suas propriedades semânticas ao ser utilizado em um contexto diferente do seu contexto prototípico e pode apresentar perda de parte de suas funções.

A **extensão** é fruto da pragmática; o item linguístico adquire novas características, muito embora mantenha parte de sua acepção original, a partir do seu uso em contextos não prototípicos.

Das características do processo de **decategorização**, é importante entender que ele ocorre quando a forma fonte-base perde parte de suas funções morfossintáticas de categorias maiores, como a dos substantivos e a dos verbos plenos, e passam a ter características de classes menores, como a dos verbos auxiliares, e, com isso, perde sua independência. Ao passar por esse processo, o item começa a depender do contexto no qual é usado e dos elementos que compõem esse contexto.

Por fim, a **redução fonética** acontece quando, a partir do aumento da frequência de uso, ocorre alguma alteração na substância fônica do item, seja por fusão às formas que o acompanham (coalescência), ou pela redução de sua forma fônica (condensação).

Heine (1993) propõe diferentes estágios nesse processo de gramaticalização, o que corrobora nossa premissa de que as mudanças ocorrem dentro de um *continuum*. O verbo suporte não prototípico será aqui considerado como o primeiro estágio dessa mudança categorial para o verbo *tomar*. Nessa categoria, o verbo sofreu desbotamento e expansão, implicando alteração no seu significado.

O verbo **suporte**, para Fortunato (2009), aparece em construções nas quais o verbo é utilizado com um sintagma nominal e passa por esvaziamento semântico. Dessa forma, a semântica da construção passa a ser altamente dependente do sintagma nominal utilizado. Muito embora ainda fique a cargo do verbo a representação de modo, tempo, número, pessoa e aspecto, em construções com verbos suporte, o centro da significação não é o verbo em si e nem o sintagma nominal, mas sim a perífrase, mesmo que alguma propriedade semântica do verbo possa ser reconhecida na construção.

Neves (2011) defende que os verbos suportes são aqueles cuja própria acepção é esvaziada e, juntamente com seu complemento, passa a formar um bloco significativo que, normalmente, pode ser substituído por um outro verbo, denotando o mesmo sentido da perífrase.

Em face dessas considerações a respeito das categorias para o verbo, resta ainda ponderar:

- 1) Os verbos plenos tendem a ser os mais autônomos, principalmente por funcionarem sozinhos como centro da predicação e não dependerem totalmente de outro elemento do enunciado.
- 2) Os verbos suporte não prototípicos têm acepção dependente do sintagma nominal utilizado junto a eles, mas existe um grupo de sintagmas que evoca uma acepção comum; os verbos começam a passar por um processo de dessemantização, extensão e decategorização.
- 3) O verbo suporte possui uma alta dependência do sintagma nominal que o acompanha, mas não há um grupo específico de sintagmas que permitem que o verbo assumira uma acepção comum. Mudando o sintagma, muda a acepção adquirida.

2.1 O VERBO *TOMAR* PLENO

Vasconcellos (1901, p. 165) considera as seguintes acepções para *tomar*:

Tomar, v. tr. (sax. tōmian). Pegar, segurar, sustentar, agarrar. Apprehender, capturar: A guarda fiscal conseguiu tomar esta noite três almudes de álcool que alguns contrabandistas tentavam subtrair aos direitos. Adoptar, aceitar; receber. Colher, apanhar, etc. Beber. Dirigir-se, seguir por.

É possível notar que, em todas essas definições, existe um traço semântico de aproximação corporal, explicado pelas noções de posse de algo ou de aproximação. Como essa é a característica principal do verbo *tomar*, ao que parece, um traço semântico compartilhado por todos os usos, de aproximação do corpo, será considerado seu uso básico, além de contar com a independência do verbo em relação aos sintagmas nominais que o complementam. Aqui, adota-se a acepção de *apropriar-se de algo* como o sentido pleno do verbo.

Foi possível, no *corpus* analisado, encontrar a seguinte acepção do verbo *tomar* como verbo pleno:

Quadro 1: *Tomar* como verbo pleno

REVELLI, Vol. 15. 2023.

ISSN 1984-6576.

E-202302

Usos do tomar	Forma e sentido dos complementos de TOMAR					
	SN ₁	V	SN ₂	Prep	SN ₃	Sentido
Pleno	SN [Agente]	<i>Tomar</i>	SN [Objeto possuído]	de	SN [Possuidor]	Apropriar-se
Ocorrência	aí minha prima falô “precisa tê medo não comade... num vô tomá o serviço da senhora não ”... falei “num vai memo”... (Fala Goiana, Feminino, 28 anos, grifo nosso)					

(Fonte: Nossa autoria)

É possível notar que a valência do uso pleno do verbo é alta, podendo chegar à valência 3. A estrutura de superfície que o verbo exige para descrever um evento de mundo completo requer três argumentos, um com função sintática de sujeito e dois com função sintática de objeto. O papel semântico perfilado¹ pelo sujeito é sempre de um agente apropriador, já os papéis perfilados pelos objetos são os de objeto possuído e de possuidor. Como pleno, o verbo também exige a preposição *de* para se ligar ao terceiro SN.

2.2 O VERBO *TOMAR* SUPORTE NÃO PROTÓTIPICO

Essa categoria assume uma acepção diferente daquela apresentada em sua forma plena, mas conserva pelo menos um traço semântico do verbo pleno. Além disso, para que tenha uma acepção diferente, é necessário que o verbo seja utilizado junto a um sintagma nominal pertencente a um grupo específico, como ocorre em:

- (06) mais passô:::... cabô o susto... **tomei uma água** ((risos)) (Feminino, 28 anos, grifo nosso),
- (07) falei irmã Regina eu num guento mais do jeito que tá minha vida num tem como... e meu esposo bibia e minha [...] **toma remédio** pra dormi... remédio controlado né? não pode passá da ora de dormi... (Feminino, 33 anos, grifo nosso)
- (08) e eu fui lá tremeno de medo corri fui lá no João Francisco falei papai mamãe tá chamano pa í amoçá ele falô perai só um poquim... aí tá ele **tomô seu último gole** dele lá i eu vim tremeno... aí chegô lá meu irmão falô papai Mazim furô a minha bola... (Masculino, 33 anos, grifo nosso)

¹ A teoria sobre o perfilamento do sujeito encontra-se em Goldberg (1995; 2006).

Nas ocorrências acima, o verbo assume uma acepção diferente da forma plena. Ao ser utilizado junto ao SN que normalmente é alvo de ingestão por parte do agente, o verbo adquire o valor de ingerir. É importante salientar que, mesmo que o objeto do verbo seja trocado por outro de mesmo campo semântico, ou campo semântico similar, o verbo não sofre alteração semântica.

Contudo, é possível que ele volte a apresentar seu sentido pleno, dependendo do contexto no qual ele é utilizado, como, por exemplo, em: *João tomou o remédio da Maria*. Nesse exemplo, como o verbo pode assumir duas diferentes acepções, o de requerer posse ou de ingerir, o sentido geral passa a ser ambíguo, uma vez que não é possível saber se João apropriou-se do remédio de Maria ou se ele ingeriu um remédio que era de Maria.

Nos dados analisados, foram encontradas as seguintes ocorrências para o verbo suporte não prototípico com maior frequência:

Quadro 2 – *Tomar* como verbo suporte não prototípico

Usos do tomar	Forma e sentido dos complementos de TOMAR					
	SN ₁	V	SN ₂	Prep	SN ₃	Sentido
Suporte não prototípico	SN [Agente]	<i>Tomar</i>	SN [Objeto ingerido]	de	SN [fonte]	Ingerir
Ocorrência	eu fui um caboco assim, antes d'eu casá, i depois qui eu casei, eu nunca sentei, numa mesa assim pá participar duma bebiba, nunca, nunca sentei num bar assim, pá tomar uma cerveja , pareci que eu tenho vergonha, sabe (Fala Goiana, Masculino, 75 anos, grifo nosso)					
Ocorrência	tinha dia qu/eu vomitava tanto... mais tanto... qu/eu pensava qu/eu ia morrê... i::: tomano remédio... tomano remédio... juntano só remédio casero né... qu/eu tomava... qu/eu num gos... num sô muito chegada de i em hospital... (Fala Goiana, Feminino, 28 anos, grifo nosso)					
	SN ₁	V	SN ₂	Prep	SN ₃	Sentido

Suporte não prototípico	SN [Experienciador]	<i>Tomar</i>	SN [Sentimento]	De/Em	SN [Fonte]	Passar a sentir
Ocorrência	socorreu ele na hora num feis nada mandô ele voltá pra trais que senão os ladrão ia pegá ele né? aí depois disso ele tomo medo ... ele ficô com medo... a gente ficô com medo foi lá na () isso aqui num é pra nós não... (Fala Goiana, Feminino, 33 anos, grifo nosso)					
Ocorrência	Eu gostava do meus ex-noivo, mais depois ele passou a bebe chega lá em casa bebo. Aí eu peguei e tomei raiva dele. Eu cabei mais o casamento foi por isso. (Fala Goiana, Feminino, 43 anos, grifo nosso)					
Ocorrência	É num aceitava... ele já tomô confiança em mim... ele já viu que podia confiá e aquilo ali num esqueno de trazê sempre o pensamento firme em... em Deus... Fala Goiana, Masculino, 30 anos, grifo nosso)					
E Suporte não prototípico	SN ₁ SN [Experienciador]	V <i>Tomar</i>	SN ₂ SN [Tipo de pancada]	Prep de	SN ₃ SN [Golpeador]	Sentido Agredir fisicamente
Ocorrência	não... do meu pai eu nunca tomei um tapa ... Doc.: - Não... ? Inf.: - Não... (Fala Goiana, Feminino, 65 anos, grifo nosso)					
Ocorrência	e eu gostava demais de istilingui... mais cum esse istilingui memo eu tomei uma taca ... mais foi daques boa... (Fala Goiana, Masculino, 36 anos)					

(Fonte: Nossa autoria)

É possível perceber que apesar de terem uma estrutura de superfície semelhante, os papéis perfilados pelos argumentos são diferentes, o sujeito, por exemplo, deixou de designar um *apropriador* para designar um *experienciador*, *ingeridor*, sem contar que há a possibilidade de o uso ter valência 2, havendo a possibilidade de a realização de um terceiro argumento não

ocorrer, como aconteceu em *tomei uma taca e tomar uma cerveja*. Essas características peculiares fazem com que não seja possível incluir essas ocorrências na mesma categoria do verbo pleno.

2.3 O VERBO *TOMAR* SUPORTE

Diferentemente do verbo suporte não prototípico, que pode se relacionar a diferentes classes semânticas de SN tendo uma acepção comum para o grupo de SN específico, os verbos suportes estão fortemente entrincheirados com seus complementos, o que torna impossível considerar os dois elementos isoladamente, já que não há um grupo específico de SN que codificará uma acepção comum a eles. No caso do suporte, o verbo assume uma acepção específica por SN. Ao trocar o SN que completa o sentido do verbo, a acepção do verbo é alterada.

Além da relação de dependência entre o verbo e o sintagma nominal, outra característica dos verbos suportes é que eles podem, prototipicamente, ser substituídos por um verbo pleno com um valor semântico semelhante. Estudos diacrônicos com o verbo *tomar* revelam usos em construções mais integralmente suporte, como, por exemplo, em *toma grande cuydado*, que poderia ser substituído por *cuidar* no exemplo registrado pelo Dicionário de Verbos do Português Medieval:

E porẽ sandeu he o homẽ pilingrim e estranho que fora de sua terra se trabalha e **toma grande cuydado** de auer morada sollepne cõ pinturas e con ou[t]ros afeytamêtos notauees. (DVPM, 1999, grifo nosso)

Foram encontrados os seguintes usos para o verbo *tomar* suporte:

Quadro 3 – *Tomar* como verbo suporte

Usos do tomar	Forma e sentido dos complementos de TOMAR			
	SN ₁	V	SN ₂	Sentido
Suporte	SN [Experienciador]	<i>Tomar</i>	SN [Centro de predicação]	Decidir-se

Ocorrência	nem ia na igreja... num ia mais meu esposo aí eu resolvi tomei uma decisão i passei pra igreja de Cristo hoje graças a Deus eu sô crente não arrependo de sê crente gosto muito... (Fala Goiana, Feminino, 33 anos)					
Suporte	SN ₁	V	SN ₂	Prep	SN ₃	Sentido
	SN [Agente]	<i>Tomar</i>	SN [Centro de predicação]	de	SN [paciente]	Cuidar
Ocorrência	ela ficava muito internada no hospital direto... direto internada e aqui ficava tomando conta de mim dava banho ni mim ela falava qu/ele pentiava meu cabelo né? (Fala Goiana, Feminino, 33 anos)					
Suporte	SN ₁	V	SN ₂	Sentido		
	SN [Experienciador]	<i>Tomar</i>	SN [Centro de predicação]	Precaver-se		
Ocorrência	a irmã entregô uma profecia pra mim... qu/era pra mim tomá muito cuidado... que ia contencê um acidente comigo... aí eu num sei... se eu fiquei preocupada com isso... (Fala Goiana, Feminino, 48 anos)					
Suporte	SN ₁	V	SN ₂	Sentido		
	SN [Agente]	<i>Tomar</i>	SN [Centro de predicação]	Ventilar-se, arrefecer-se		
Ocorrência	um existe isso mais uai... se menino ficá na frente de hospital... sai cum ele doido no carro aí tomano vente caiqué maneira... e antigamente num podia... quando nós desceu... minha mãe desceu de resguardo... de mim... eu vim muito bem empacotada... (Fala Goiana, Feminino, 65 anos)					
Suporte	SN ₁	V	SN ₂	Sentido		
	SN [Agente]	<i>Tomar</i>	SN [Centro de predicação]	Banhar-se		
Ocorrência	corrê atrás da criação, cunversá com os irmão, mandano minino tomá banho... mandano minino pintiá cabelo... meu sogro viu aquilo... e chegô na casa dele falô assim... (Fala Goiana, Feminino, 65 anos, grifo nosso)					
Suporte	SN ₁	V	SN ₂	Sentido		

	SN [Experienciador]	<i>Tomar</i>	SN [Centro de predicação]	Emancipar-se, libertar-se
Ocorrência	eu paguei bem antes do prazo... e terminei de pagá o quichute e aí eu fui tomano uma independência já trabalhava... já ganhava um dinheiro aí comecei a trabalhá pr/outro... (Fala Goiana, Masculino, 30 anos)			

(Fonte: Nossa autoria)

Percebe-se, a partir das ocorrências acima, que a forma de superfície do verbo *tomar* como sendo suporte já possui algumas diferenças quando relacionadas aos usos como verbo pleno e verbo suporte não prototípico. Como verbo suporte, a valência verbal, em sua maioria, é 1. Há a presença de apenas um argumento, sendo que, como o SN₂ funciona como parte integrante do verbo, ele não será considerado como argumento; a função do SN₁ em posição de sujeito desempenha o papel de agente e de experienciador, enquanto o SN₂ que completa o sentido do verbo passa a ter a função de centro da predicação, tanto que a perífrase *tomar*+SN pode ser substituída por um verbo pleno relacionado ao SN₂.

Conforme já foi salientado, diferentemente dos verbos suporte não prototípicos, que possuem um grupo de SNs que compartilham entre si uma relação semântica passível de ser associada com a acepção do verbo, caso do grupo SN_{ingeríveis}, que acionam o sentido de *ingerir*, quando os verbos suporte são retratados, não há um grupo de SN que aciona uma acepção comum para o verbo *tomar*. Dessa forma, cada uma das ocorrências deve ser considerada como uma construção singular, mesmo compartilhando algumas características semelhantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentado na seção anterior, o verbo *tomar* é empregado com diferentes valores semânticos, mas nunca o esvaziamento ocorre de forma completa. Todos os desdobramentos que o verbo assume carregam em si o traço semântico de aproximação corporal.

A pesquisa de Silva (2012) pode justificar esse traço de aproximação do corpo na formação de construções com o verbo *tomar*. O autor defende que o corpo provê substância para várias construções linguísticas. A formação de diversas metáforas, por exemplo, contém parte do corpo como um de seus componentes, como acontece em: *colocar a boca no trombone, o pé da mesa está quebrado; a boca do fogão está entupida*. No caso do verbo *tomar*, parece haver esse traço semântico que une os diferentes usos, mesmo em categorias diferentes e com graus diferentes de transparência.

Conforme foi evidenciado, o verbo *tomar* pode integrar, assim, diferentes categorias baseadas em seu uso. Estudos que abarquem a relação entre a formação das categorias, como os aspectos cognitivos envolvidos na formulação dessas categorias, podem enriquecer os resultados desta pesquisa assim como fortalecer o processo de *continuum* categorial. Estudos sobre outros verbos de transferência, como *dar* e *pegar*, podem auxiliar o pressuposto que essa categoria geral de verbos pode ser subcategorizada de forma semelhante por ter um traço semântico semelhante.

REFERÊNCIAS

- BARROS, D. M. *Um estudo pancrônico da voz reflexiva em perspectiva construcional*. Tese de doutorado. 2016, 177. Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.
- BYBEE, J. *Frequency of Use and the Organization of Language*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CASTILHO, A. T. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2016.
- FORTUNATO, I. V. *Análise da estrutura argumental do verbo “chegar” em construções com verbo-suporte*. Domínio de Linguagem, Ano 3, n° 1 – 1° Semestre 2009.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. et al. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. C.; FURTADO DA CUNHA, M. A. *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X FAPERJ, 2013. p. 13-40.
- GIVÓN, T. *Mind, code and context: Essays in Pragmatics*. University of Oregon. Lawrence Erlbaum Associates, Publishers. Hillsdale, New Jersey London, 1989.
- GIVÓN, T. *Bio-Linguistics: The Santa Barbara Lectures* John Benjamins Publishing Company, Amsterdam, Philadelphia, 2002.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: The nature of generalization in language*. New York: Oxford University Press, 2006.

HEINE, B. *Auxiliaries, cognitive forces, and grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 1993.

ILARI, R.; BASSO, R. M. O Verbo. In: ILARI, R.; (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: palavras de classe aberta*. v. 3. São Paulo-SP: Contexto, 2014.

JESUS, L. R. *O uso do verbo tomar no Português escrito dos séculos XIV, XVII e XX*. Tese de Doutorado. 2014. 239f. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2011.

OLIVEIRA, C. R. e. *Tomei a liberdade de fazer este estudo: a multifuncionalidade do verbo tomar em uma amostra de fala da Cidade de Goiás-GO*. 2018. 143f. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2018.

SILVA, L. A. *As bases corporais da gramática: um estudo sobre conceptualização e metaforização no português brasileiro*. Tese de doutorado. 2012, 284f. Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

VASCONCELOS, A. P. D. *Diccionario homophonologico da lingua portuguesa*. Porto, Figueirinhas, 1901.

XAVIER, M.F.; M.G. VICENTE; CRISPIM, M. L. (orgs). *Dicionário de Verbos Portugueses do Século 13*, Lisboa, Linha de Investigação 1 do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, 1999.